Anais Eletrônicos da Semana de Teologia | ISSN 2238-894X
XXII Semana de Teologia | Simpósio Internacional de Mariologia | Maria no Mistério de Cristo e da Igreja
Recife, 10 a 12 de maio de 2017

ESCATOLOGIA PAULINA

Paulo de Tarso Veras Pereira[1]

Introdução

Um dos pilares do Cristianismo, Paulo tem despertado ao longo dos séculos calorosas discussões a propósito do seu papel na construção daquela que viria a se tornar a religião com maior número de adeptos no mundo. Desde fiéis seguidores, passando por aqueles que o indicam como verdadeiro fundador do Cristianismo – sobrepujando o próprio Jesus Cristo -, até outros que refutam e o apontam como mero coadjuvante, o Apóstolo continua sendo motivo de constantes análises.

Talvez até, por ser o único autor da nascedoura cristandade que se pode desvendar histórica e teologicamente a partir do seu próprio relato testemunhal. Nem o mais ousado crítico subestimaria a relevância paulina no contexto da religiosidade cristã. Sua doutrina deixou raízes profundas na mensagem do cristianismo ao longo dos tempos e o legado do valor teológico do *corpus paulinum* é incontestável.

Por conseguinte, há que se considerar também a importância de Paulo na teologia escatológica, quer por suas cartas serem os mais antigos escritos cristãos salvaguardados e, por isso, instrumento reflexivo dos estudos escatológicos, quer por ser assunto que perpassa a quase totalidade do material paulino, a exceção de Gálatas e Filemôn por não conterem, explicitamente, alusões a Parusia.

A propósito, oportuno se faz conhecer o termo Parusia, tanto em função da centralidade do assunto proposto neste artigo, quanto para melhor entendimento do próprio leitor. Parusia deriva da palavra grega *parousia* que significa presença, atualidade, ocasião favorável e, comumente, indica a segunda vinda de Jesus Cristo no final dos tempos.

Esses dois sentidos podem, incialmente, gerar certo confusão quanto ao significado da expressão por se tratar da entrada festiva de reis e imperadores em

[1] Pós-Graduado – Lato Sensu em Publicidade e Marketing pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ-RJ. Pós-Graduado – Lato Sensu em Estudos Bíblicos pela Faculdade Católica de Fortaleza-CE. Mestrando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco –PE. Email: tarsoveras@yahoo.com.br

uma cidade e designar, também, noção religiosa porquanto traduz presença ou manifestação de uma divindade.

Decreto de uma cidade do reino de Pérgamo concede a Átalo III (138-133 a.C) as honras de uma entrada solene, prevendo inclusive a ordem das cerimônias em homenagem ao rei. A Parusia é, portanto, aqui, uma festa eminentemente popular[2].

Em Paulo 'dia do Senhor', apesar de reportar-se ao Primeiro Testamento, mas com viés influente do pensamento apocalíptico, remete a Cristo em todos os seus escritos. Daí significar o juízo – por causa do entendimento do "dia do senhor" no Primeiro Testamento – e a Parusia como manifestação gloriosa de Cristo. Assim, a esperança da Parusia transmite, na realidade, essa grande expectativa religiosa da intervenção divina.[3]

Concluído esse entendimento, hora de adentrar mais propriamente na análise da escatologia paulina, buscando enxergar nas cartas aqui sublinhadas a evolução do pensamento do Apóstolo a respeito da Parusia.

O conteúdo escatológico na carta aos Tessalonicenses

Impelido a fugir de Tessalônica para a Baréia em razão dos ataques dos judeus, dirigiu-se a Atenas e depois a Corinto, de onde redigiu em meados de 50-51, sua primeira epístola aos tessalonicenses. Movido pelos questionamentos de alguns cristãos da comunidade acerca do destino daqueles que haviam morrido antes da vinda de Jesus Cristo, Paulo escreve a passagem escatológica de 1Ts 4,13-18 atrelando, com ineditismo, a parusia com a ressureição dos cristãos falecidos.

As cartas ao povo tessalônico são os textos que mais remetem aos dos apocalipses tradicionais, nestes casos com horizonte voltado para a obra apocalíptica do profeta Daniel. Segundo E. Kasemann[4], "a apocalíptica foi a mãe de toda a teologia cristã". Considerada, por isso, ponto primordial para se entender o sentido do Segundo Testamento como um todo. Para Becker[5] a concepção

---

[2] Cerfaux, Lucien. **Cristo na teologia de Paulo**. Santo André - SP: Paulus, 2012, p. 34.
[3] Ibid., pg. 38
[4] Kasemann apud Hawthorne, Martin e Ride. **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Vida Nova, Paulus e Loyola, 2008, p. 460.
[5] Becker apud ibid.

apocalíptica do mundo é o “centro coerente do pensamento paulino” ao definir a escatologia apocalíptica como crença no que há de vir – iminente consumação dos tempos – provocada pela parusia de Jesus Cristo.

Retomando o questionamento dos tessalonicenses nota-se, de pronto, a preocupação de Paulo em instruir e tranquilizar o grupo até então em luto e completamente inseguro. E opta, para tanto, em utilizar fórmula confessional afirmando que Deus ressuscitou Jesus dos mortos. Ato explícito do Pai, que determina Jesus como aquele por meio do qual Deus trará a salvação.

Dessa forma, na parusia acontecerá uma intervenção escatológica de Jesus, Deus o capacitou a cumprir uma função divina. Reside aqui o centro da fundamentação paulina acerca da esperança cristã: da mesma maneira que Deus ressuscitou Jesus dos mortos haverá de resgatar com Jesus aqueles que morreram Nele (4,14). Consola-os afirmando que a morte não implica na não participação da parusia do Senhor, ao contrário é necessária para que se possa acompanhar Cristo nessa mesma vinda solene. Apoiando-se na “palavra do Senhor” diz, ainda, que os vivos não precederão os mortos (4,15), e que aqueles que presenciassem vivos à vinda de Jesus Cristo não seriam privilegiados em relação aos já adormecidos.

Teria Paulo na passagem: ... “que os vivos, os que ainda estivermos aqui”, (4,15), expressado a certeza de que seria partícipe da gloriosa manifestação presencial do Senhor? Quer parecer que sim e nesse sentido a maioria dos estudiosos concorda. Andrade[6] entende que o “o Apóstolo partilhava, sem dúvida, do pensamento geral da comunidade primitiva de que o retorno de Jesus Cristo era iminente”. Cerfaux[7] alega que “o Apóstolo desejou ver a parusia durante a vida” e que ele gostava de se expressar em função de uma vinda próxima de Cristo. Já Collins[8] relata que “Paulo supõe que a Parusia vá ocorrer logo (a expectativa iminente) ”.

A ordem imposta nos vs. 16-17: “então os mortos ressuscitarão primeiro e em seguida nós os vivos que estivermos lá”, além de referendar, mais uma vez, essa mesma esperança paulina, insere-se em característica típica das descrições apocalípticas. Aliás, esses versículos trazem abundantes conotações apocalípticas:

---

[6] Andrade, Aíla**. Eis que faço nova todas as coisas**. São Paulo: Paulinas, 2012, p.73
[7] Cerfaux, Lucien. **O cristão na teologia de Paulo**. Santo André-SP: Paulus, 201, p. 178
[8] Collins, Raymond. **A primeira carta aos Tessalonicenses. Novo comentário bíblico São Jerônimo**. São Paulo: Paulus 2011, p. 418.

a voz do arcanjo, o som da trombeta; a descida de Cristo dos céus; a ressureição dos mortos e as nuvens, retomando imagens clássicas de Daniel 7,13 (o filho do homem vindo nas nuvens) e do apocalipse do Sinai (o clamor, a trombeta e Moisés descendo com a Lei).

Esses detalhes denotam o início do agir divino para a realização do "o encontro com o Senhor", objetivo soteriológico do acontecimento como um todo. Schnelle[9] explica que "a ressureição dos mortos em Cristo é unicamente o pressuposto do arrebatamento de todos, que representa o próprio ato escatológico" e é condição para o "estaremos com o Senhor".

A segunda epístola aos tessalonicenses, da mesma forma que a primeira, traz em seu corpo principal a Parusia como temática. Entendemos desnecessário discutir aqui a complexidade das questões relacionadas à sua autoria para não perdermos o norte motivacional do artigo. Justo supor, que 2Ts tenha sido escrita por um paulinista tomando como modelo a carta genuína, contudo, pode-se imaginar que o Apóstolo querendo desenvolver seu ensinamento escatológico tenha escrito esta segunda carta, até porque, antes de se contradizerem, ambas se convergem. Mas, como dito, a polêmica não vem ao caso agora.

Paulo, aflito com as perseguições impostas à sua jovem comunidade, projeta essas atribulações com cenário escatológico preparativo à vinda gloriosa do Senhor. Utiliza-se, também, de traços do gênero literário apocalíptico judaico, a despeito da passagem 1,7: "o Senhor Jesus vindo do céu, com os anjos do seu poder, no meio de chama ardente...".

Mas, é preciso perceber a construção de quadro no qual o escritor aponta o antagonismo entre o "filho da perdição" e Cristo, o agir divino e o engodo diabólico, como processo de ameaça à fé, resultando daí a desconstrução de panorama cronológico do final dos tempos.

Exorta, assim, a sobriedade da espera: "não percais tão depressa a serenidade do espírito", "não vos perturbeis" e "não vos deixai enganar por pessoa alguma" (2,2-3). O problema consistia na crença de alguns em entender que o "dia do Senhor" já havia chegado (2,2). Paulo explica que a vinda de Cristo tardará, pois, os sinais que irão precedê-la – a apostasia e a chegada do homem do pecado – ainda não se deram.

---

[9] Schnelle, Udo. **A evolução do pensamento paulino**. São Paulo: Loyola, 199, p. 43.

No pensamento apocalíptico[10] “o mal deve chegar antes que o tempo esteja maduro para o justo julgamento”, necessidade fundamental para a vinda do Senhor. Contudo, dá a entender que há um obstáculo retendo as manifestações dos últimos acontecimentos (2,7). A essa nova situação, que permanece misteriosa, Paulo atribui o atraso da Parusia. Na primeira epístola advertiu quanto à sapiência da vigilância, descrevendo, ao menos hipoteticamente, a brevidade do fato. Nesta, conclama a observância da calma até que a ameaça – “força detentora” – desapareça.

Antes de analisar a temática nos escritos aos coríntios, de se observar o entendimento de Andrade[11] de que as afirmações contidas em 2,11 “não significam uma predestinação de alguns para a perdição”, mas, que o emprego da linguagem semita deseja “mudar o foco das preocupações, em vez de inquietarem-se com o ‘quando’ da Parusia, os cristãos devem ater-se às consequências de suas ações”.

O conteúdo escatológico na carta aos Coríntios

Quer parecer que o cerne do problema em Corinto passava pela influência helenística sobre o dualismo corpo/alma ou material/imaterial que desprezava o mundo físico em valia do conhecimento refinado do existir espiritual. Tal inclinação levou os coríntios a negarem a ressureição – de fato sem sentido vez que não valorizavam o corpo – a ponto de acreditarem que esta já havia acontecido para eles e que, portanto, detentores da vida eterna.

Em 1Cor, Paulo pormenoriza as suas convicções escatológicas. O tema sempre presente em seus escritos fundamenta, agora, a exposição sobre a ressureição futura e, observa-se, neste caso, a análise mais detalhada da ressureição dentre todo o corpus paulino. O Apóstolo invoca a fé cristã norteando a atenção para a morte e a ressureição de Cristo como fator central do Evangelho e, a partir dela, as consequências que advirão para os crentes em Jesus ressurreto.

Inicia sua tese com a pergunta contida em 15,12: “se se prega que Cristo ressuscitou dos mortos, como pode alguns dentre vós dizer que não há ressurreição

---

[10] Giblin, C.Homer. **A segunda carta aos Tessalonicenses. Novo comentário bíblico São Jerônimo**. São Paulo: Paulus, 2011, p. 602.
[11] Andrade, Aíla. **Eis que faço nova todas as coisas**. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 80.

dos mortos? ” Argumenta que esta pregação de nada valeria – inclusive no tocante a fé dos cristãos - se tudo resultasse em morte simplesmente. Para Paulo a ressureição de Cristo é ato escatológico de Deus, prenúncio de situação que se findará com o advento da parusia.

Cristo é primícias dos que morreram (15,20) retrato triunfal da vida sobre a morte. E na ordem paulina, depois virá a ressureição dos mortos ou a transformação dos vivos à imagem de Jesus Cristo ressuscitado. Por último, a consumação, quando tudo será submetido a Deus para que Ele seja tudo em todos.

Para relatar o corpo ressuscitado Paulo propõe a comparação da sementeira. Cada semente plantada (os mortos) germinará por ação de Deus (ressureição) uma planta diferente (novo corpo) daquela que foi semeada. Na concepção de Kreitzer[12], “subtende-se que o fiel vai compartilhar a vida da ressureição do mesmo jeito que a colheita completa se relaciona com a colheita inicial”. Já Schenelle[13], destaca que o “motivo da transformação também põe em relevo tanto a descontinuidade em relação ao antigo ser como também o modo do novo ser”.

Em 2Cor 5,1-10 o Apóstolo ao descrever sobre uma tenda terrestre (corpo) que quando destruída (morte) dará lugar a uma morada eterna (ressureição) manifesta o seu ardente desejo de “revestir por cima de nossa morada terrestre a nossa habitação celeste o que será possível se formos encontrados vestidos e não nus”.

Razoável entender que Paulo manifesta, mais uma vez, o seu desejo de ser achado vivo quando da vinda do Senhor a fim de ter o seu corpo transformado sem passar pela morte. Mas, isso não implica inferir que o Apóstolo enfrenta aqui o temor da morte, vez que, na sequência demonstra toda a sua confiança em caminhar na fé inclusive preferindo “deixar a mansão deste corpo para ir morar junto do Senhor”.

Note-se que Paulo conta com a união em Cristo imediatamente após a morte individual, admitindo assim, pela primeira vez, a sua morte antes da parusia, sem, contudo, abandonar aquela espera quanto a vinda do Senhor. Novamente

---

[12] Kreitzer, L.J. **Dicionário de paulo e suas cartas.** São Paulo: Vida Nova, Paulus e Loyola, 2008, p. 465.
[13] Schnelle, Udo. **A evolução do pensamento paulino**. São Paulo: Loyola, 1999, p. 45.

Schenelle (pg. 49) explica: “a morte antes da Parusia aparece agora como caso normal também para o Apóstolo, de modo que 2Cor 5,1-10 constitui um testemunho de uma expectativa iminente, mas enfraquecida”.

O conteúdo escatológico na carta aos Filipenses

A prisão de Paulo e o processo que veio em seguida (1,13) fizeram-no dividir com a comunidade as suas mais profundas reflexões. Apesar de ter a morte ante seus olhos (2,17) – e de fato a preferir: “o morrer é lucro” (1,21) – exprime preocupação tanto para os filipenses, quanto à continuidade de sua pregação evangélica.

Mesmo envolto em dilema: morrer e estar com Cristo ou viver e prosseguir seu “trabalho frutífero” desnuda-se, inequivocamente, seu íntimo desejo de ir ao encontro do Senhor. Sabe que o estar com Cristo lhe é muito melhor (1,23). As possíveis dúvidas existentes em 2Cor 5,2-3 são completamente dissipadas aqui.

Não mais existe hesitação, não mais existe medo de ser encontrado despojado e nu, senão uma profusa esperança de que em vida ou em morte seu corpo será glorificado em Cristo.

Antes das costumeiras exortações e conselhos finais Paulo fala de uma cidade no Céu (3,20) pertencente a todos os cristãos, mas, só possível de ser habitada quando da Parusia de Jesus Cristo que transfigurará “nosso corpo humilhado conformando-o ao seu corpo glorioso” (3,21).

Considerações finais

Ao concluir este artigo sobre a Escatologia Paulina e a bem da verdade aqui rasamente analisada, poder-se-ia sugerir que houve um evoluir no entendimento do Apóstolo.

Em Tessalonicenses o arrebatamento é o eixo central da noção escatológica. Em Coríntios a tensão é bem menos evidente e a morte se apresenta como realidade possível em lugar anterior a Parusia, até manifestar em Filipenses seu desejo ardente de estar com Cristo mesmo antes da sua vinda.

Schnelle afirma que Paulo perseverou naturalmente na vinda iminente do Senhor, mas soube empreender mudanças apropriadas em suas declarações escatológicas. Compreender Paulo, segundo Becker, significa olhar para o desenvolvimento e desdobramento de sua teologia. Significa reconhecer que o Apóstolo repensou e aprofundou questões fundamentais e soluções de problemas de modo renovado.

Interessante fazer constar ainda, a impressão de dois grandes teólogos contemporâneos sobre o Apóstolo dos gentios. Bultmann lança o entendimento da realidade paulina: “a ideia que temos de Paulo determina a nossa compreensão do cristianismo primitivo”. Becker aprofunda o raciocínio: “a ideia que temos de Paulo determina, de alguma maneira, a compreensão que temos do próprio cristianismo como um todo”.

Referências

A Bíblia de Jerusalém – São Paulo: Paulinas, 1985.

ANDRADE, Aíla Luzia Pinheiro de. **Eis que faço novas todas as coisas**. São Paulo: Paulinas, 2012.

BECKER, Junger. **Apóstolo Paulo: Vida, Obra e Teologia**. São Paulo: Academia Cristã, 2007.

BROWN, Raymond E; Fiztmyer, Joseph A; Murphy, Roland E. **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**. São Paulo: Academia Cristã e Paulus, 2011.

CERFAUX Lucien. **Cristo na Teologia de Paulo**. Santo André-SP: Academia Cristã e Paulus, 2012.

_____. **O Cristão na Teologia de Paulo**. Santo André-SP: Academia Cristã e Paulus, 2012.

HAWTHORNE, Gerald F; Martin, Ralph P,; Reid, Daniel G**. Dicionário de Paulo e suas Cartas.** São Paulo: Paulus, Vida Nova e Loyola, 1997.

SCHNELLE, Udo. **A Evolução do Pensamento Paulino**. São Paulo: Loyola, 1999.